



**Arquitetura e urbanismo:**  
Compromisso histórico  
com a multidisciplinariedade

**2**

---

Pedro Henrique Máximo Pereira  
(Organizador)



# Arquitetura e urbanismo: Compromisso histórico com a multidisciplinariedade

# 2

---

Pedro Henrique Máximo Pereira  
(Organizador)

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Arquitetura e urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinariedade 2

**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Amanda Costa da Kelly Veiga  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Pedro Henrique Máximo Pereira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura e urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinariedade 2 / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-529-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.294210410>

1. Arquitetura. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

A arquitetura é espaço existencial. A cidade, um espaço existencial elevado à potência do social. São existenciais porque estão intrinsecamente relacionados, são intimamente ligados à vida individual e coletiva que neles se constituem. Portanto, são políticos, históricos e lócus de rebeldia criativa por excelência.

Esta compreensão é uma das chaves para o entendimento da necessidade da multidisciplinaridade. É também um dos mais potentes argumentos para viabilizarmos a garantia das fronteiras disciplinares já abertas e justificativa irrefutável para a abertura de novas fronteiras. É, portanto, o fundamento para uma abordagem complexa sobre realidades que são complexas. O espaço e a vida que nele ocorre carecem de abordagens diversas e variados modos de investigação, dada a clara compreensão da impossibilidade da apreensão total de objetos de estudo dessa natureza.

Este livro, o segundo volume de “Arquitetura e Urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinaridade”, publicado pela Atena Editora, dá um passo nessa direção. Ele é composto por 17 artigos, cujos temas variam do edifício ao território, passando pela paisagem, região e pelo urbano. Neles as abordagens também variam. Vão das escalas micro, compreendendo a rua, os espaços arquitetônicos de edifícios e interfaces entre o concreto e o virtual-digital à escala da cidade, da região e do território.

Deste conjunto é possível afirmar que o que atravessa todos os 17 artigos é a compreensão de tais temas, escalas e objetos de pesquisa como fontes inesgotáveis de abordagens disciplinares diversas. Por isso não encerram as discussões sobre os objetos analisados, mas deixam em aberto para discussões outras com interfaces dos saberes da arquitetura e urbanismo com a antropologia, a pedagogia, as engenharias, o planejamento urbano e regional, a geografia, a agronomia, a história, a economia, a ecologia, a psicologia, a filosofia, as ciências da computação e programação, a administração, entre tantas outras áreas que poderiam ser aqui citadas.

É possível ainda identificar movimentos interdisciplinares a partir deles. Há um notável trânsito de literaturas de disciplinas distintas utilizado como recurso para a leitura dos objetos neles analisados. Neste sentido, tais artigos indicam a necessidade de reconhecimento do valor e da contribuição de disciplinas próximas e distantes, mas não somente isso. Eles indicam a potência do reconhecimento das mais diversas disciplinas como partes de um campo amplo de investigações, nem sempre pacificado, jamais homogêneo, mas colaborativo e essencialmente crítico.

Assim, estimo boa leitura a leitoras e leitores!

Pedro Henrique Máximo Pereira



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

AS TIPOLOGIAS DE PAISAGENS QUE CONECTAM O PARQUE DA PAZ E O TECIDO URBANO DO CONCELHO DE ALMADA – ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

Noêmia de Oliveira Figueiredo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104101>


### **CAPÍTULO 2..... 27**

LIMES FRANCOLÍ, PAISAJES DE FRONTERA A RITMO SINCOPADO

Josep Maria Solé

Lluís Delclòs

Olivia Malafrente


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104102>

### **CAPÍTULO 3..... 43**

CENTROS CULTURAIS E A CIDADE CONTEMPORÂNEA: O CENTRO CULTURAL SÃO PAULO E O SESC 24 DE MAIO COMO EQUIPAMENTOS DE SUPORTE À CULTURA

Júlia Martins Souza Pipolo de Mesquita

Celso Lomonte Minozzi


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104103>

### **CAPÍTULO 4..... 52**

ARQUITETURA E ACESSIBILIDADE: FERRAMENTA DE INCLUSÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE MARANGUAPE - CEARÁ

Zilsa Maria Pinto Santiago


Virna Maria Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104104>

### **CAPÍTULO 5..... 69**

MAPEANDO LOS OJOS EN LA CALLE DE JANE JACOBS EL ALGORITMO GENERATIVO DE LA VIGILANCIA NATURAL PASIVA

Iñigo Galdeano Pérez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104105>

### **CAPÍTULO 6..... 80**

O USO CULTURAL DA MADEIRA NA ARQUITETURA: TÉCNICAS CONSTRUTIVAS TRADICIONAIS E AS MADEIRAS EMPREGADAS NAS CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS

William Jorge Pscheidt

João Carlos Ferreira de Melo Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104106>





### **CAPÍTULO 7..... 97**

O AMBIENTE DA INTERAÇÃO MUSEAL: DA FISCALIDADE AO TOUR 360°

Pablo Fabião Lisboa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104107>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>110</b>
ASSENTAMENTOS INFORMAIS E LEGISLAÇÃO URBANA - INVISIBILIDADE OU NEGAÇÃO? O CASO DA VILA XURUPITA EM BARREIRAS, BA/BRASIL	
Rogério Lucas Gonçalves Passos	
Natália Aguiar Mol	
Lorena J. Coelho Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104108">https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104108</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>126</b>
CONDIÇÕES SÓCIO HISTÓRICAS DE EXCLUSÃO TERRITORIAL E DESIGUALDADE DE OPORTUNIDADES URBANAS EM CIDADES BRASILEIRAS	
Isabela Casalecchi Bertoni	
Lilian Masumie Nakashima	
Maysa Leal de Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104109">https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104109</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>138</b>
UM BREVE OLHAR SOBRE AS VULNERABILIDADES E A SUSTENTABILIDADE NA MUDANÇA DE PARADIGMAS DO URBANISMO CONTEMPORÂNEO	
Karliane Massari Fonseca	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041010">https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041010</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>150</b>
DESEMPENHO DA FILTRAÇÃO LENTA EMPREGADA NO TRATAMENTO DA CARGA DE DBO ORIUNDA DE ESGOTO DOMÉSTICO	
Ariston da Silva Melo Júnior	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041011">https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041011</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>164</b>
CENTRO E NOVA CENTRALIDADE DE LONDRINA SOB PERSPECTIVA MORFOLÓGICA	
Mayara Henriques Coimbra	
Gislaine Elizete Beloto	
Letícia da Mata Silva	
Ana Julia Ceole	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041012">https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041012</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>181</b>
PLANES REGIONALES: UNA EXPERIENCIA DE GESTIÓN Y REVITALIZACIÓN EN LA CIUDAD DE SÃO PAULO	
Denise Gonçalves Lima Malheiros	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041013">https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041013</a>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>195</b>
O TOMBAMENTO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL ARCANJO COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DAS MISSÕES JESUÍTICAS NO BRASIL	
Giorgio da Silva Grigio	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041014">https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041014</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>210</b>
OLHARES CRUZADOS SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL MODERNO- BRASÍLIA PATRIMÔNIO CULTURAL MUNDIAL: RELATÓRIO DE VISITA TÉCNICA INTERNACIONAL	
Yara Regina Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041015">https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041015</a>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>229</b>
ÁREAS METROPOLITANAS DE BELÉM E BRASÍLIA NOVOS RECORTES PARA ANÁLISE	
Ricardo Batista Bitencourt	
Ramon Fortunato Gomes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041016">https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041016</a>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>255</b>
UMA ABORDAGEM CONFIGURACIONAL PARA O ENSINO DE PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	
Fernando dos Santos Calvetti	
Michele Staub de Brito	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041017">https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041017</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>268</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>269</b>

## UM BREVE OLHAR SOBRE AS VULNERABILIDADES E A SUSTENTABILIDADE NA MUDANÇA DE PARADIGMAS DO URBANISMO CONTEMPORÂNEO

*Data de aceite: 21/09/2021*

*Data de submissão: 01/07/2021*

**Karlhane Massari Fonseca**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do  
Pará (UNIFESSPA), Instituto de Engenharia do  
Araguaia (IEA)  
Santana do Araguaia – Pará  
<https://orcid.org/0000-0001-8339-580X>

**RESUMO:** As cidades assistem a uma transformação profunda sobre todos os aspectos, sejam eles econômicos, culturais ou sociais: são cidades cada vez mais plurais e diversas, nas quais devemos encontrar algum meio de acompanhar toda essa evolução. Diante das problemáticas contemporâneas que todas as cidades vêm enfrentando, o objetivo deste trabalho é apresentar um breve olhar sobre a discussão entre a cidade e a natureza, bem como suas vulnerabilidades e a sustentabilidade. Trata-se de reflexões iniciais, que busca compreender as atuais problemáticas urbanas e a necessidade de soluções que se manifestam a partir de um território mais equitativo e sustentável. A estrutura do trabalho se faz a partir de pesquisas bibliográficas, onde, a partir dos estudos levantados, verificou-se que o discurso dicotômico entre cidade e natureza vem sendo transformado aos poucos, necessitando de uma urgente mudança perante os limites da natureza para a amenização dos riscos e vulnerabilidades e uma maior igualdade ambiental. Conclui-se

que o debate sobre essas novas vulnerabilidades do território e a interdependência da natureza e da cidade contribuem para o desenvolvimento e compreensão das cidades contemporâneas, bem como um novo olhar sobre a mudança de paradigmas para a práxis e epistemologia do urbanismo contemporâneo.

**PALAVRAS - CHAVE:** Vulnerabilidades; Sustentabilidade; Urbanismo;

### A BRIEF LOOK AT VULNERABILITIES AND SUSTAINABILITY IN CHANGING CONTEMPORARY URBANISM PARADIGMS

**ABSTRACT:** Cities are witnessing a profound transformation in all aspects, whether economic, cultural or social: they are increasingly plural and diverse cities, in which we must find some way to keep up with all this evolution. Given the contemporary issues that all cities are facing, the objective of this paper is to present a brief look at the discussion between the city and nature, as well as its vulnerabilities and sustainability. These are initial reflections, which seek to understand current urban issues and the need for solutions that manifest themselves from a more equitable and sustainable territory. The structure of the work is based on bibliographic research, where, based on the studies surveyed, it was found that the dichotomous discourse between city and nature has been transformed little by little, requiring an urgent change in the face of the limits of nature to ease risks and vulnerabilities and greater environmental equity. It is concluded that the debate about these new vulnerabilities of the territory and the interdependence of nature

and the city contribute to the development and understanding of contemporary cities, as well as a new look at the paradigm shift for the praxis and epistemology of contemporary urbanism.

**KEYWORDS:** Vulnerabilities; Sustainability; Urbanism.

## INTRODUÇÃO

As cidades vivem uma transformação sem precedentes que acarretam dia à após dia consequências trágicas para o ambiente que nos cerca, que são contraditoriamente causadas por seus próprios feitores, o ser humano. Diante dos velhos e novos problemas ambientais e urbanos, é necessário uma ou outras formas de olhar o mundo. A globalização produziu as chamadas Metápoles<sup>1</sup> (ASCHER, 2010), que transformaram e ainda transformam nossas cidades cotidianamente, onde o autor acrescenta que estamos vivendo uma terceira revolução urbana. Essa terceira revolução tem como característica espaços mutantes, dinâmicos e múltiplos de escolhas, onde os indivíduos enfrentam dia a pós dia, que variam segundo seus próprios meios e dá origem aos perfis da vida de consumo. Reconhecida pelos valores capitalistas, essa sociedade é modificada cada vez mais pelos princípios tecnológicos, que faz o homem se acorrentar as máquinas, consumindo mais e mais recursos, mais e mais espaços, produzindo mais e mais resíduos e poluição.

As problemáticas advindas com essa terceira modernidade diversificada são diversas e complexas. A escassez dos recursos naturais é uma das problemáticas já bastantes debatidas e que nascem dos nossos modos de vida de consumo, marcada com a era da industrialização e a necessidade do homem com a máquina para a sua sobrevivência. E assim seguem a lista de tantas outras problemáticas que vivenciamos, como os problemas econômicos, demográficos, sociais e culturais, que fazem parte dessa metapolização. Saber lidar com essas consequências frente transformações urbanas se torna um desafio para gestão das cidades contemporâneas.

Hoje, verificam-se a emergência de novos paradigmas que o urbanismo necessita perante as mazelas que a globalização e toda sorte de infindáveis questões que o capitalismo impõe. E mesmo com tamanho fato histórico que estamos vivenciando com a chegada da pandemia<sup>2</sup>, desde o final do ano de 2019, é possível perceber que os níveis de consumo continuam a aumentar, mesmo que os hábitos tenham se alterado para um mundo cada vez mais virtual.

A busca por novas formas de olhar e agir na cidade surge na tentativa de reverter essas problemáticas. Assim, o objetivo do presente estudo será compreender a discussão

---

1 A metápole chamada por Ascher (2010) significa um novo tipo de território urbano advindo a partir de um duplo processo de metropolização, que dá origem ao processo de metapolização, característico do urbanismo do século XXI ou da terceira revolução urbana moderna, que é representada pela economia cognitiva, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) as cidades hipertextos.

2 A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu em março de 2020 uma nova pandemia identificada a partir do surto da doença Covid-19, causada pelo surgimento do novo coronavírus, chamado SARS-CoV2, que foi descoberta primeiramente em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. E se espalhou rapidamente pelo mundo, primeiro pelo continente asiático, e depois em todos os outros.

da cidade com a natureza, levantando os aspectos da vulnerabilidade e a sustentabilidade, que compõe nosso território contemporâneo. O trabalho se deu a partir de pesquisas bibliográficas sobre os conceitos de **risco**, **vulnerabilidade** e **sustentabilidade** com os autores que são referências e trabalham mais profundamente esses conceitos, como: Ulrich Beck, Henri Acselrald e Franz Brüseke. Bem como, a relação da **natureza** com a **cidade** que é desenvolvida a partir de: David Harvey, Christian Topalov, Mike Hodson e Simon Marvin.

Esse debate se configura como um pequeno passo no sentido de promover uma mais ampla reflexão sobre as ideias que percorrem, atualmente, nossas cidades e a mudança de paradigmas que vêm se afirmando em todas as dimensões escalares, que tentam contribuir na construção do próprio campo do urbanismo através de espaços conscientes e mais comprometidos com as necessidades da ampla maioria da população.

## **VULNERABILIDADES E A DICOTOMIA CIDADE E NATUREZA**

As cidades, hoje, enfrentam ante os limites da natureza e da terra uma série de problemáticas que devem ser retratadas nos debates contemporâneos. E a partir de demonstrações tímidas, em nosso contexto atual, a grande parte do planejamento das cidades não busca levar em consideração a conexão da sociedade com o seu território e muito menos com as ações diversas que relaciona a natureza e seus próprios limites, que estão diretamente ligados ao desequilíbrio social e ambiental, ao crescimento a todo custo, ao território desigual e desconexo com as vontades democráticas e uma série de tantas outras problemáticas contemporâneas que são apenas consequências e cascatas dos já citados, em que os novos paradigmas a tentam responder de alguma forma, através de práticas mais sustentáveis, igualitárias sobre as escalas sociais, ambientais e territoriais.

As problemáticas geradas pela urbanização e esse modo de viver contemporâneo estão envolvidas com questões mais profundas, relacionadas ao debate da destruição da natureza, que geram riscos para toda a sociedade. A explicação sobre o conceito de risco dado por Brüseke (1997) a partir de Beck revela que estamos em uma modernização reflexiva e está diante de outra escala, que vai além dos princípios da escassez e torna-se uma sociedade saturada de distribuição e produção desigual dos riscos ambientais e sociais. Acselrald (2010) também constata que essas problemáticas ambientais são desigualmente distribuídas, ou não democráticas, pois segundo o autor os efeitos dessas problemáticas são afetados de forma variada nos diferentes grupos sociais, onde os ricos apresentam certa capacidade de escaparem desses efeitos, o que dá origem aos “conflitos ambientais”, que, geralmente, são verificados nos grupos socialmente mais desprovidos economicamente.

Considerando que a injustiça social e a degradação ambiental têm a mesma raiz, haveria que se alterar o modo de distribuição – desigual – de poder sobre os recursos ambientais e retirar dos poderosos a capacidade de transferir

os custos ambientais do desenvolvimento para os mais despossuídos. Seu diagnóstico assinala que a desigual exposição aos riscos deve-se ao diferencial de mobilidade entre os grupos sociais: os mais ricos conseguiriam escapar aos riscos e os mais pobres circulariam no interior de um circuito de risco. (ACSELRALD, 2010, p. 109).

Para Beck (2000), essas problemáticas vistas no território estão atreladas ao entendimento dos riscos e das vulnerabilidades como uma questão política, em que as instituições, empresas, agências ou até mesmo grupos sociais dão origem a esses riscos, que possuem determinada responsabilidade social e que muitas vezes acabam sendo compensadas através de multas ou taxas. As compensações entram no cálculo dos riscos, onde os sistemas normativos das regras estão de acordo com o princípio do 'poluidor-pagador'. E isso é possível, segundo o autor a partir de fatores mais profundos que não diz respeito somente a proteção das leis, mas, que na realidade, são características dos apelos e favorecimentos aos ambientalistas através da política.

Mas mesmo com as desigualdades entre esses conflitos ambientais e com a capacidade das classes dominantes de se locomoverem para longe dos riscos, Brüseke (1997) afirma, assim como Beck (2000) que a disposição do perigo atinge globalmente as sociedades, ou seja, toda sorte de classe e camadas das sociedades, até mesmo os grupos sociais que de certa maneira estão protegidos desses riscos, pode se encontrar o risco ambiental. O risco ambiental é característico da sociedade moderna, que produziu a partir de seus novos hábitos e meios um perigo que ainda não compreendemos a sua dimensão e que se aglutina ao risco social e individual (Brüseke, 1997).

Desta maneira, esse complexo jogo dos riscos pode ainda evidenciar aspectos de determinados grupos à vulnerabilidade, pois segundo Acselrald (2006) a noção de vulnerabilidade é dada a partir do julgamento da susceptibilidade de determinado grupo, pessoas, lugares, ecossistemas, etc. à exposição de riscos ou sofrimento de algum agravo, que pode ser considerada a partir dos processos individuais, político-institucionais e sociais. Muitas vezes essa condição de vulnerabilidade é socialmente construída, pois diz respeito a determinado ponto de vista e contexto que o "ser vulnerável" apresenta ou é apresentado segundo os processos que o levaram a ser vulneráveis, a estarem nessa condição (ACSELRALD, 2006).

Para a compreensão dessas questões e problemáticas ambientais colocadas, que estão relacionados com essas vulnerabilidades e riscos, é necessário entender e perceber que o pano de fundo da questão é, justamente, a discussão da natureza com a cidade, dessa dicotomia colocada, que para Topalov (1997) diz respeito à inserção da natureza como recurso industrial, como meio de produção e domínio do homem que gera capital e que o próprio autor chama de um estado da "completa humanização da natureza". Esse estado de dominação do meio ambiente vem dos tempos iluministas, onde o uso da natureza era considerado um projeto viável e de emancipação das cidades, em que a

sociedade a transforma segundo suas próprias leis (HARVEY, 1996), que só fizeram se agravar ainda mais com a urbanização das cidades.

E assim, nasce um paradigma que ainda estamos vivenciando, o da salvaguarda da natureza ou como diria Madec (2015) de interdependência da natureza e não mais de dependência da sociedade com o meio ambiente. Em que o objeto natureza passa a ser o centro das discussões, onde o homem está inserido e não desconectado, assim como é defendido pelos ecologistas (TOPALOV, 1997).

O ecologismo abole a história como teatro da mudança e do progresso, em suma, o tempo moderno. A natureza sistêmica, com efeito, não tem história a não ser a de sua possível degradação. “Salvaguarda”, “preservação”, “conservação”, tais são os deveres da espécie humana em relação a seu habitat. Terminou a grande narração épica do progresso econômico e do progresso social e está começando a da restauração do planeta terra em sua integridade original. (TOPALOV, 1997, p. 36).

Perante essa dicotomia instaurada pela própria sociedade, e mais precisamente pelas classes hegemônicas, surgem como solução as cidades sustentáveis, que estão atreladas ao discurso de proteção dos recursos ambientais para o futuro das cidades, à sustentabilidade. As cidades sustentáveis são vistas como um caminho para as problemáticas urbanas, fruto das “crises econômicas, ecológicas, do capitalismo industrial e do urbanismo”, que na década de 1990 foram incorporadas ao marketing urbano, para promoção das cidades (HODSON; MARVIN, 2014), e ainda hoje vemos com certa proeminência esse discurso “verde” como estratégia de lucro.

Segundo Acselrald (2001), a sustentabilidade hoje possui certo clichê nos diversos empregos de seu significado, pois diz respeito a algo que se pretende proteger para o futuro e não o presente, ou seja, a sustentabilidade deslegitima seu discurso a partir do momento que se pretende ser ética com seus iguais no futuro e não no presente, o aqui e agora. O que não faz sentido na busca do novo paradigma de mudança de pensamento das cidades contemporâneas, que estão comprometidas com ações concretas na transformação dos territórios sejam eles rurais ou urbanos. Assim, o discurso da sustentabilidade deve ser levado em consideração a partir do momento que for respaldado em seus processos e contextos mais profundamente, e não meramente empregado sem causa e efeito.

A mudança de paradigma deve começar então, segundo Brüseke (1997), em uma teoria mais adequada para a sociedade moderna contemporânea, que seja mais aberta e vá além do horizonte das regiões racionalizadas. Já para Madec (2015) o novo paradigma está exatamente na natureza como um modelo e expressão da vida e tampouco como os clichês já pré-estabelecidos há um tempo, tal como nas cidades verdes e toda sorte de nomenclaturas que possam surgir, mas como uma natureza que representa uma multiplicidade de características, de cores, formatos, texturas, áreas etc.

E esses dilemas sobre questões ambientais e sociais constituem uma necessidade muito além de qualquer modismo (COSTA, 2000). Este debate atual em torno da eco



escassez, dos limites naturais, da superpopulação e da sustentabilidade é um debate sobre a preservação de uma ordem social específica e não um debate acerca da preservação da natureza em si (HARVEY, 1996), que devem ser repensados de forma a levar em consideração a natureza, como um caminho para o futuro ambiental, para o desenvolvimento urbano e social.

Segundo Acseirald (2010), essa lógica de dominação da natureza e suas implicações de possíveis riscos e vulnerabilidades, como já vimos, não cessará a partir do momento em que não houver o término das transferências dos custos ambientais e sociais, acarretados pelas classes dominantes, para as camadas mais pobres, o que é tanto debatido pelos movimentos e lutas ambientais. Ou se permitimos que os países que estão passando pelos processos de expansão tomem os mesmos caminhos que os países mais industrializados levaram e que até hoje ocasionam uma série de problemas com essa expansão desenfreada (BECK, 2000). Outra solução levantada por Acseirald (2006) para a tentativa de amenização ou término dessas vulnerabilidades e até mesmo dos riscos é considerar todos os “processos decisórios” que acabam impondo esses efeitos à classe mais desprotegida, ou seja, levar em consideração o contexto relativo a essas vulnerabilidades e seus processos.

## **O PARADIGMA CONTEMPORÂNEO E A CIDADE**

O pensamento do urbanismo contemporâneo revela as estratégias que a grande maioria das cidades estabelecem para a gestão urbana, onde os planos e projetos elaborados e concretizados no espaço urbano traduzem a exacerbação do consumismo e do poder hegemônico representados nas grandes reformas urbanas das cidades do século XXI, a partir do engenhoso auxílio das estratégias do marketing urbano. Essas ações e projetos adotados, atualmente, se assemelham aos planos estratégicos de que Castells e Borja (1996) falam, pois trazem como pano de fundo o papel central das cidades, identificadas como os atores políticos e sociais, que tem a função de interlocução entre os agentes urbanos. E tem como consequência o conjunto de problemáticas que vivenciamos nas cidades, onde Maricato (2000) caracteriza como sendo uma cidade compreendida apenas por uma parte da sociedade, onde os direitos sociais e urbanos privilegiam o poder do dinheiro, refletindo ainda mais a desigualdade existente no país.

De acordo com Harvey (2014), a maioria dos conceitos atuais são individualistas e fundados somente na propriedade, e, que por isso priorizam a lógica do mercado hegemônico liberal e neoliberal. Pois, “vivemos em um mundo no qual os direitos de propriedade privada e a taxa de lucro se sobrepõem a todas as outras noções de direitos em que se possa pensar” (HARVEY, 2014, p.27). Para Polanyi (2000) as leis do mercado molda de todas as maneiras a sociedade e torna-a submissa a ele próprio, que impedem os desejos por mudança.

Acontece, porém, que o trabalho e a terra nada mais são do que os próprios seres humanos nos quais consistem todas as sociedades, e o ambiente natural no qual elas existem. Incluí-los no mecanismo de mercado significa subordinar a substância da própria sociedade às leis do mercado. (POLANYI, 2000, p. 93).

Santos (2001) configura o território como sendo o território do dinheiro, o território esquizofrênico, pois caracteriza essa dicotomia entre a globalização que introduz uma nova ordem, mas, ao mesmo tempo, manifesta uma contra-ordem com a marginalidade, as desigualdades e os pobres. E essa noção da relação de poder no espaço é segundo Saquet (2013), que dá forma à compreensão sobre o conceito de território hoje, que se configura para o autor como um lugar de apropriações e produção de espaços que estão diretamente ligados ao controle e a dominação social.

Os caminhos do passado que o urbanismo percorreu e percorre dá margem ao entendimento e ao debate dos futuros possíveis para as cidades. Pereira (2006) afirma que as questões e problemáticas bastante debatidas hoje, não são assuntos recentes sobre a história das cidades, mas pelo contrário, é a formação do acúmulo de processos que foram construídos ao longo dos anos e por isso a importância da sua compreensão para a assimilação da atualidade que experienciamos. Essas ideologias vigentes nos projetos detectados na paisagem urbana das cidades, hoje, e mesmo ao longo dos anos, diz respeito às mudanças de pensamentos no urbanismo e na arquitetura, que revelam o caráter transformador das revoluções científicas retratadas por Kuhn (2013), que são essenciais e necessárias para as perspectivas futuras, que nos encontramos, ao que ele chama como sendo “*paradigmas*”.

Desta forma, os paradigmas do passado e presente devem ser alterados. Vicentini (2001, p.12) afirma que isso “não se trata do fim do urbanismo, mas sim o fim das possibilidades de reproduzir utopias sociais urbanas”, que fazem referência a uma época e um ciclo, onde devemos procurar nos adaptar a essas mudanças e recriar os novos paradigmas, um novo urbanismo que configure e represente a sociedade contemporânea. Esses antigos modelos ou paradigmas devem ser modificados em substituição aos novos, pois conforme Kuhn (2013, p.120) essa alteração se dá por meio do “conflito entre o paradigma que revela uma anomalia e aquele que, mais tarde, a submete a uma lei”, ou seja, é uma ruptura, na qual o novo paradigma assume o papel de orientação que o antigo desempenhava, desencadeado um fenômeno que faz surgir novas teorias. Essas possibilidades de mudanças dos paradigmas atuais delineiam e são fundamentais para a definição de trajetórias revolucionárias (HARVEY, 2014).

Uma revolução formal, uma metamorfose do interior baseada nas mudanças dos modos de vida, do cotidiano, e que irá responder às eventualidades do futuro é uma das soluções encontradas (MADEC, 2014; SLOTERDIJK, 1993). E que Lefebvre (1947) traz como sendo a “reabilitação da crítica da vida cotidiana”, a qual se deve distinguir entre o

humano e os aspectos humanos, que só afirmam os limites da sociedade capitalista. Desta maneira, Revedin (2015), também, aponta que é necessário que haja uma mudança de paradigma para o restabelecimento de condições humanas mais igualitárias, que devem ser expressas tanto nas megalópoles, como nos territórios rurais empobrecidos. Esse aspecto de transformação é considerado para Harvey (2014, p. 272) como um movimento que “deve abrir caminho ao florescimento humano universal, para além das coerções da dominação de classe e das determinações mercantilizadas do mercado”, onde ele caracteriza como sendo a luta anticapitalista e o ponto de partida para organizar e reivindicar as cidades.

Essa compreensão da cidade e seus processos são retratados por Ascher (2010, p.98) em seu ‘neurbanismo’, onde ele indica ser “um caminho particularmente ambicioso, que necessita de mais conhecimento, mais experiência e mais democracia”. As teorias a serem investigadas não são tratadas como modelos, ou cenários a serem seguidos como propõe os modelos cartesianos passados, que eram bem definidos e determinados, caracterizando os pensamentos progressistas retratado por Choay (2013), em que deixavam de lado os aspectos sociais e culturais da sociedade. Mas pelo contrário, os pensamentos aqui expostos evidenciarão o caráter de algo sistêmico e integrado, que se insere nas bases dos conceitos e princípios do urbanismo de Ascher (2010).

As ‘metápoles’ urbanas e seu capital cognitivo se atrelará as novas práticas contemporâneas de um novo “re-encantamento do mundo”<sup>3</sup> e aos debates e discussões sobre o desenvolvimento de um urbanismo mais consciente, através de um equilíbrio entre o capital econômico, humano e natural. Os novos paradigmas, assim, integram-se na história da organização espacial das cidades contemporâneas como novas possíveis perspectivas para os territórios urbanos e, até mesmo, para a transformação da sociedade, pois segundo Kuhn (2013), os paradigmas são uma forma de projeto em que o indivíduo se compromete com alguma coisa concreta para a reconstrução da sociedade a partir de uma nova teoria, ideia ou estrutura.

## DISCUSSÃO

As mudanças do sistema capitalista engendraram uma nova dinâmica nas cidades que ao contrário do que Weber (1987) caracteriza como sendo no século XIX um capitalismo relacionado com os princípios do trabalho como um ato vocacional de ganhar dinheiro, a partir de um racionalismo ascético, Boltanski e Chiapello (2009) entende que,

---

3 O ‘re-encantamento do mundo’ diz respeito à exposição visitada “Réenchanter le monde: Architecture, ville, transitions”, que aconteceu de 21 de maio a 06 de outubro em Paris. A exposição apresentou trabalhos e teorias elaborados por 40 arquitetos vencedores do Global Awards for Sustainable Architecture, o qual foi criado em 2007 por Jana Revedin. Os trabalhos apresentados na exposição apresentam concepções arquiteturais que se engajam ao serviço do desenvolvimento sustentável, construídas a partir de projetos mais participativos, que buscam responder as novas necessidades da sociedade. Essas teorias e práticas foram reunidas também no livro “Ré-enchanter le monde. L’architecture et la ville face aux grandes transitions”, onde os autores discutem sobre a construção das culturas, a reversão dos comportamentos sociais e as estéticas espaciais, trazendo uma outra visão do mundo, uma nova forma de olhar para a realidade e de tentar buscar soluções para as inquietações contemporâneas.

hoje, o “espírito do novo capitalismo”, tem outra relação com o trabalho e com o dinheiro a partir da ideia do bem comum. Mas é interessante ressaltar que esse bem-comum possui interesses próprios que são revelados a partir de determinadas relações, classes e sistemas políticos, que resulta nos efeitos, já discutidos, das vulnerabilidades, riscos e outras tantas problemáticas que agravam as desigualdades sociais e ambientais das populações mais desprotegidas.

O surgimento de um novo paradigma, no presente trabalho, e nas cidades contemporâneas, nasce da tentativa de tentar reverter essa situação de “injustiça social e ambiental”, que significa para Topalov (1997) como uma redefinição dos objetivos legítimos da ação e dos métodos aceitáveis do passado para uma “reconstrução social”. As teorias contemporâneas do urbanismo procuram buscar esse novo caminho para o futuro em equilíbrio com um ambiente, verdadeiramente, participativo, onde se torna essencial na efetivação das mudanças de paradigmas para essa sociedade diferenciada, mesmo com todas as transformações advindas dessa terceira revolução urbana.

Para Friedman (2015), o equilíbrio é um princípio fundamental para os seres vivos, os pensamentos, os organismos e as organizações. Logo, os novos paradigmas do urbanismo, com seu território igualitário, se colocam como uma fonte de importância para identificação dessas teorias e práticas focadas na construção de processos promotores ou facilitadores da inclusão social, focadas na construção da sustentabilidade ambiental, no respeito aos direitos humanos, especialmente o direito à cidade e à moradia, focadas na construção da cidadania e da urbanidade, dos paradigmas que parecem ser, parafraseando Montaner (2011), ensaios para mundos alternativos.

As reflexões e pensamentos para o urbanismo contemporâneo devem corresponder às realidades socioeconômicas, políticas e culturais, a partir de uma perspectiva de médio e longo prazo, sempre presando melhores condições de vida para a sociedade e cidade sem repetir os padrões que não condizem com nossa atualidade (SANTOS, J., 2009). Assim, é possível ter um delineamento sobre a práxis do urbanismo e seus caminhos futuros para a gestão das cidades e seu território. Bem como, o auxílio no desenvolvimento do ensino acadêmico a partir das novas possibilidades que estão sendo traçadas nacionalmente e internacionalmente em suas mais variadas escalas que interferem tanto a vida cotidiana, como a comunidade, a cidade e o mundo que o indivíduo habita.

A importância do presente estudo está na compreensão que devemos ter perante as mudanças que nossas cidades e, principalmente, a sociedade vivência e enxergar essas novas transformações como possíveis alternativas para o mundo mais habitável, mesmo que com falhas, como tantas outras soluções e ideias passadas expostas e vividas atualmente. A manifestação e análise desses novos paradigmas para o urbanismo revela a necessidade de encontrar respostas ou possibilidades para o emaranhado de problemas que a sociedade enfrenta cotidianamente. E que para Harvey (2014) estão caracterizados em três questões fundamentais: a acumulação global da pobreza, a degradação ambiental

e a intangível história do desenvolvimento capitalista, em que se configuram como sendo as problemáticas elementares e globais, vistas em todo canto do planeta, até mesmo nas cidades mais desenvolvidas como diria Revedin (2015).

## CONCLUSÃO

Esse breve olhar sobre o discurso entre a natureza e a sociedade ou o meio ambiente e a cidade revelam a importância das transformações que nossos territórios necessitam para a mitigação das desigualdades sociais e ambientais, dos riscos e vulnerabilidades. A noção de sustentabilidade como solução para as cidades deve vir acompanhada de questões mais profundas, que diz respeito aos processos e o contexto de ser sustentável e não como discurso para o véu do marketing urbano.

Os paradigmas a serem investigados trazem em seu bojo um dos aspectos de transformação do discurso e da prática que se caracteriza pela interdependência da sociedade com a natureza. E constata-se que essas novas reflexões sobre as problemáticas e seus enfrentamentos são fontes de soluções concretas e positivas para as gerações presentes e futuras na busca de um território urbano mais igualitário, benevolente e sustentável, comprometidas com as dificuldades e deficiências das classes mais desprotegidas, que a classe hegemônica tenta de tal maneira ocultar.

## REFERÊNCIAS

ACSELRALD, Henri. Vulnerabilidade: processos e relações. Comunicação ao **II Encontro Nacional de Produtores e Usuários de Informações Sociais, Econômicas e Territoriais**, FIBGE, Rio de Janeiro, 24/8/2006.

\_\_\_\_\_. Sentidos da Sustentabilidade Urbana. In: Acselrald, Henri. (org.) **A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas**. Rio DE Janeiro, DP&A, 2001, p.27-55.

\_\_\_\_\_. Ambientalização das lutas sociais: o caso do movimento por justiça ambiental. **Estudos avançados**, 24, núm. 68, 2010, pp. 103-119.

ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

BECK, Ulrich. World Risk Society. Cambridge, Polity Press, 2000. Cap 3 : From industrial society to the risk society: questions of survival, social structure and ecological enlightenment. In: Beck, Ulrich. World Risk Society. Cambridge, **Polity Press**, 2000, p.48-71.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève, **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BRÜSEKE, Franz Josef. Risco social, risco ambiental, risco individual. **Ambiente e Sociedade**. Ano1 n. 1 2 semestre de 1997, pp 117-133.

CASTELLS, Manuel; BORJA, Jordi. As cidades como atores políticos. **Revista Novos Estudos Cebrap**. São Paulo: n. 45, p. 152-166. jul. 1996.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**: utopias e realidade, uma antologia. Tradução de Dafene Nascimento. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

COSTA, Heloísa S. M. Desenvolvimento urbano sustentável: uma contradição de termos? **Revista Brasileira Estudos Urbanos e Regionais**, n. 2, mar. 2000.

FRIEDMAN, Yona. Prefácio. In: REVEDIN, Jana (org.). **La ville rebelle. Démocratiser le projet urbain**. Paris: Manifestô Alternatives, 2015.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Justice, Nature and the Geography of Difference**. Oxford: Blackwell Publishers, pp. 176-204, 1996.

HODSON, Mike; MARVIN, Simon. **After sustainable cities?**. London, Routledge 2014.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne**: Introduction. Paris: Bernard Grasset, 1947.

MADEC, Philippe. L'étendue de l'en-commun: contribution à la politique 'Qualité de vie, culture et solidarités'. CONSEIL ECONOMIQUE, SOCIAL ET ENVIRONNEMENTAL. Bretagne, audition, 26 maio 2015. Disponível em: <<http://www.philippemadec.eu/ecrits-genre-conferences-classes-par-recemment.html>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. OSER: L'altérité, le spécifique, la bienveillance, les cultures. **Cité de l'architecture**, Paris, 2014. Disponível em: <<http://www.philippemadec.eu/ecrits.html>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MONTANER, Josep M.; MUXI, Zaida. **Arquitectura y Política**: ensaios para mundos alternativos. Barcelona: Gustavo Gili, 2012.

PEREIRA, Margareth S. Globalização e história ou atores sociais e culturas urbanas já são levados a sério? In: MACHADO, Denise B. P. (org.). **Sobre Urbanismo**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2006.

POLANYI, Karl. **A grande Transformação**: as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Compus, 2000.

REVEDIN, Jana. **La ville rebelle**. Démocratiser le projet urbain. Paris: Manifestô Alternatives, 2015.

SANTOS, José C. L. Reflexões por um conceito contemporâneo de urbanismo. **Malha Urbana - Revista Lusófona de Urbanismo**, n. 3, maio 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/malhaburbana/article/view/87>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e concepções sobre o território**. 3. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SLOTERDIJK, Peter. **Dans le même bateau**: essai sur l'hyperbolique. Ed. Rivages, Allemagne, 1993.

TOPALOV, Christian. Do planejamento à ecologia: nascimento de um novo paradigma de ação sobre a cidade. **Cadernos IPPUR** ano XI nos 1 e 2 jan. dez 1997, pp. 19-42.

VICENTINI, Yara. Teorias da cidade e as reformas urbanas contemporâneas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 3, p. 9-31, jan./jun. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/made/article/view/3026>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 10, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 66, 67, 68, 235, 241

Área Metropolitana 10, 1, 2, 240, 251

Arquitetura 2, 9, 10, 1, 25, 26, 43, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 64, 68, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 107, 108, 110, 125, 126, 127, 133, 135, 136, 137, 144, 194, 202, 212, 213, 217, 225, 226, 250, 253, 255, 256, 257, 259, 265, 266, 267, 268

Arquitetura em Madeira 81, 91, 96

Arquitetura Escolar 52

Assentamentos Informais 11, 110, 112, 114, 126, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136

### B

Belém 12, 229, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 253, 254

Brasília 12, 26, 109, 115, 124, 135, 136, 207, 210, 211, 212, 225, 227, 228, 229, 233, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 268

### C

Centralidade 11, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

Centro 10, 11, 1, 4, 5, 9, 14, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 57, 89, 104, 110, 111, 112, 115, 120, 123, 126, 128, 135, 142, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 185, 186, 187, 207, 213, 216, 217, 218, 219, 226, 228, 232, 233, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 258, 260

Centro Cultural 10, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51

Cidade 9, 10, 5, 7, 8, 20, 24, 25, 26, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 68, 85, 93, 100, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 164, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174, 179, 180, 183, 194, 200, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 259, 260, 262, 264, 265

Cidades Brasileiras 11, 126, 127, 128, 129, 131, 134, 243

### D

Desenho Urbano 18, 20, 26

Desigualdade 11, 116, 126, 127, 130, 131, 136, 143, 233



## **E**

Esgoto 11, 131, 133, 150, 151, 152, 154, 156, 157, 163, 235

Exclusão Territorial 11, 126, 127, 131, 134, 136

## **G**

Gestão Urbana 143, 210, 213, 215, 217, 222, 225

## **H**

História da cidade 174

## **J**

Jane Jacobs 10, 69, 70

## **L**

Legislação Urbanística 116, 136, 238

Lisboa 10, 1, 2, 25, 26, 85, 93, 97, 108

## **M**

Madeira 10, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 200, 205

Morfologia Urbana 2, 3, 4, 8, 11, 15, 17, 19, 20, 21, 25, 179, 214, 215, 229, 236

Multidisciplinaridade 9

Museu 45, 94, 97, 99, 100, 101, 104, 105, 108, 109, 173, 199, 204, 208, 217

## **P**

Paisagem 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 21, 23, 24, 25, 26, 50, 89, 90, 144, 164, 170, 179, 180, 210, 212, 213, 215, 216, 222, 224, 225, 257, 268

Parque Urbano 31

Patrimônio 12, 45, 90, 92, 93, 94, 97, 98, 101, 104, 105, 107, 195, 196, 197, 198, 199, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 239

Patrimônio Histórico 12, 45, 92, 93, 195, 196, 197, 198, 199, 203, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 239

Planejamento Urbano e Regional 9, 12, 194, 255, 256, 257, 259, 266, 267

Planos Regionais 194

projeto urbano 25, 210, 214, 215, 218, 221, 222, 227

## **R**

Rua 9, 4, 14, 15, 45, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 166, 172

## S

São Paulo 10, 11, 25, 26, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 68, 91, 92, 93, 95, 96, 108, 109, 115, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 135, 136, 137, 147, 148, 149, 150, 152, 162, 163, 172, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 194, 195, 208, 231, 251, 252, 253, 254

SESC 24 de Maio 10, 43, 51

Sítio Arqueológico 12, 95, 195, 199, 202, 203, 205, 206, 207, 209

Sustentabilidade 11, 138, 140, 142, 143, 146, 147, 212, 215

## T

Tecido Urbano 10, 1, 3, 4, 7, 9, 10, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 164, 169, 171, 213, 216, 236, 243, 253

Técnicas Construtivas 10, 80, 81, 84, 89, 90, 91, 96

Território 9, 2, 3, 4, 21, 24, 26, 53, 84, 87, 89, 90, 103, 107, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 138, 139, 140, 141, 144, 146, 147, 149, 164, 167, 168, 170, 179, 195, 198, 199, 200, 201, 204, 206, 213, 214, 215, 218, 220, 221, 222, 225, 226, 227, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 248, 250, 251, 252, 254, 264

Tombamento 12, 195, 197, 198, 199, 202, 203, 206, 207, 211, 239

## U

Urbanismo 9, 11, 1, 25, 26, 43, 46, 52, 53, 68, 69, 79, 92, 96, 110, 125, 126, 135, 136, 137, 138, 148, 171, 181, 194, 250, 253, 255, 257, 259, 268


Urbanismo Contemporâneo 11, 138, 143, 146, 243




# Arquitetura e urbanismo: Compromisso histórico com a multidisciplinariedade


# 2

---

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 


[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



# Arquitetura e urbanismo: Compromisso histórico com a multidisciplinariedade

# 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 